



Presidente Cezar Ferreira, prezadas e prezados,

Na qualidade da água que bebemos, na luz que ilumina nossas noites, no tecido da roupa que nos aquece, na pesquisa da comida que comemos, no motor do carro que andamos, no chip da comunicação, nos instrumentos da medicina, na segurança dos edifícios, na solidez das pontes, nas viagens espaciais, mas também infelizmente nas armas que matam, em tudo, em tudo que se pensar está presente a Engenharia. Sem ela não se vive. Um país sem engenheiros não pode prosperar, não pode proporcionar o bem viver a todos os cidadãos. Tem, então, a Engenharia uma importância capital na sociedade, uma função essencial, tem uma grande responsabilidade social, por excelência.

É verdade que, desde sempre, as mulheres e os homens, no seu dia a dia, praticam a engenharia quando inventam seus artefatos, constroem suas habitações, plantam suas lavouras, consertam seus utensílios, se protegem do frio e dos animais e se organizam. E vivem e sobrevivem com seus engenhos.

Mas é papel dos governos que os benefícios da Engenharia, cujo estudo e pesquisa melhoram a vida, o saneamento, a saúde, a proteção, o bem-estar e a evolução dos equipamentos, se estendam a todos os cidadãos, de forma justa, equilibrada, igualitária. Mas não é o que se vê. Manda no mundo uma tendência política econômica financista que mais interessa em acumular do que produzir, gerar empregos e bem-estar.

Esses interesses acabam se impondo e em consequência, levam grande parte de nossos cidadãos, mostram as estatísticas e a realidade do convívio social, a viver como podem, à margem dos benefícios da Engenharia. Em nossos dias, o retrocesso civilizatório nos impinge a notícia de que 33 milhões de pessoas passam fome e vivem em condições precaríssimas. Exercem a engenharia da sobrevivência, a que não ensinam nas escolas.

Neste contexto, como pode o Sindicato dos Engenheiros, entidade que agrega homens e mulheres que exercem a Engenharia, a que ensinam nas escolas, a que pesquisa, evolui e melhora a vida, como podem

eles ficar alheios a esta multidão de desengenhariados que sobrevivem à sua sorte? Como podem desconhecer tanta desigualdade social?

A Responsabilidade Social da Engenharia e do engenheiro é, conseqüentemente, responsabilidade social do sindicato que os agrega. Com esse mote da responsabilidade social de quem teve o privilégio de formar-se e conhecer as ciências e técnicas se entendeu de que é, também, responsabilidade desta entidade: incentivar os seus quadros a prestar voluntariamente apoio técnico a comunidades e entidades que demandam esse apoio.

Foi, então, que o presidente do SENGE, Sindicato dos Engenheiros, propôs que o Conselho Técnico Consultivo da entidade pensasse, entre outros temas, formas de atuação frente às vulnerabilidades vivenciadas pela população negra, pelos LGBTQUI+, idosos, refugiados, indígenas e os que sofrem preconceitos e violências.

Assim, desde março do ano passado, foi criado, neste sindicato, um programa que incentiva os profissionais da Engenharia a emprestar seus conhecimentos e sua técnica àqueles tantos que precisam desse tipo de orientação.

Esse programa, denominado SENGE SOLIDÁRIO, estruturou um Grupo de Trabalho de articuladores com a incumbência de incentivar profissionais da ativa, aposentados e estudantes que se disponham a participar deste programa e buscar, também, entidades e comunidades necessitadas de apoio técnico, articulando, assim, ações voluntárias de solidariedade.

O programa já cadastrou cerca de 70 voluntários.

Contando com vários deles, já prestou apoio técnico em 10 entidades, está atuando em outras 8. Estuda e aguarda condições de atendimento a outras 8. Estão em atividades três hortas comunitárias em Livramento, algumas outras em estudo ainda; implantação de duas estações de Internet Solidária em uma escola e uma cooperativa e, em implantação, um curso de formação profissional.

O programa, além do Grupo de Trabalho, com 11 voluntários articuladores, conta com a participação do Vice-Presidente do SENGE, Diego Mizette Oliz, representante da diretoria no grupo, e da competente e sempre presente atuação de suporte técnico da funcionária da entidade, Daiane Tonus.

Muito obrigado, Diego. Muito obrigado, Daiane. Muito obrigado aos abnegados e amigos companheiros do GT. Muito obrigado, presidente Cezar.

Os desafios são muitos. Geralmente, a efetivação das tarefas esbarra na falta de recursos; noutras, na questão legal da posse e na falta de interesse do poder público em resolver os problemas. Situações que abrem a discussão sobre busca de alternativas, quando a atividade depende mais de outros fatores que não são só a ajuda técnica, mas da atuação junto à municipalidade e ao estado e, também, busca de recursos.

O SENGE SOLIDÁRIO consolidou e estruturou uma prática antiga de solidariedade deste sindicato que, desde muito tempo, vem fazendo campanhas de arrecadação e doação de alimento e, como hoje, faz doações de equipamentos. Além da sua atividade básica precípua de defender a categoria dos engenheiros, o Sindicato dos Engenheiros já participou e participa, de forma solidária de campanhas em momentos importantes, de modo mais amplo, em defesa da água e da luz por empresas públicas, de Estado Forte para atendimento de benefícios a todos. Por nove anos, esteve presente na coordenação do Movimento em Defesa do Morro Santa Teresa, pela estruturação fundiária das vilas, defesa do meio ambiente e manutenção da FASE. Por ano e meio, projetou e acompanhou a reforma da Casa de acolhimento de cegos da Dona Adolfina na Cavalhada, entre outras ações.

O SENGE SOLIDÁRIO se fundamenta, pois, na responsabilidade social da Engenharia, quando conclama engenheiras e engenheiros a pensar seu papel na realidade social da sua comunidade tão desigual, a exercer cidadania enquanto divide o que sabe com quem precisa de apoio técnico. Convida as engenheiras e engenheiros a sair de casa e inserir-se. A doar sem pedir troca. A sentir-se útil num universo tão necessitado.

Quando o voluntário se envolve, enxerga que a demanda ali não se restringe só ao apoio técnico. A solidariedade se aprende lá onde ela é praticada, quantas vezes, sem suporte, na força e na vontade. Esse envolvimento é um aprendizado.

O aprendizado o voluntário o adquire quando sai de casa e começa a entender como é possível que quem tem pouco consegue dividir, solidarizar, compartilhar e doar daquilo que nem lhe é suficiente. É vivenciar o milagre da resiliência. Entidades que não têm a certeza do pão do dia seguinte, mas conseguem reverter o vício da droga e da bebida, conseguem achar um lugar a mais para acolher a quem é rejeitado da sociedade e da família, que não tem onde dormir, e se proteger no frio, de quem não tem família, quem precisa de afeto, quem sofre violência em casa e na rua, acolhe quem é perseguido.

O aprendizado do voluntário começa ao conhecer o trabalho de pessoas como Lúcia Scalco, Morgana Alves, Clarice Galeazzi Zanini, o Jorge, a Elaine, e tantos outros.

Quando o voluntário sai de casa para a ação voluntária volta enriquecido: A recompensa da ação solidária reside no próprio ato, parece preencher vazio. Adquire experiência e conhecimento que não teriam, se não fosse pela sua inserção à vida das comunidades necessidades e entidades que prestam serviço.

O SENGE SOLIDÁRIO incentiva a sair de casa, sair de si, e praticar solidariedade voluntariamente, sem pedir prêmio outro que a satisfação benfazeja que só experimenta quem a pratica.

Meu tocaio, já falecido, Vinicius de Moraes, escreveu versos lindos e compôs músicas maravilhosas. Tem uma que diz:

“Quem de dentro de si não sai
Vai morrer sem amar ninguém
O dinheiro de quem não dá
É o trabalho de quem não tem.”

Vinicius Galeazzi

**Coordenador do Grupo de Trabalho do
Programa SENGE Solidário
20/07/2022**